

Valorização do Sujeito na Eja: contribuições de Erich Fromm e Paulo Freire para a Educação de Jovens e Adultos

Davi Fernandes Costa*

Introdução

Este artigo busca aproximar dois pensadores importantes do século XX, Paulo Freire e Erich Fromm, e refletir sobre suas contribuições para a Educação de Jovens e Adultos. O educador Paulo Freire se notabilizou entre os pedagogos mais importantes do mundo no início dos anos 1970 e continua sendo a principal referência do Brasil na área educacional (MATHIEU; BELEZIA, 2013). Erich Fromm foi psicanalista e filósofo. De origem judia, nasceu na Alemanha em 1900 e fez parte da escola de Frankfurt, se distanciando posteriormente. Ambos os autores se interessaram pela obra um do outro e chegaram inclusive a se encontrar.

A aproximação entre a educação e a psicanálise não é nova, vários dos principais autores da tradição psicanalítica deram suas contribuições à pedagogia como, por exemplo, o próprio Sigmund Freud, que em seu texto “Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar”, debateu sobre a importância da figura do professor no desempenho escolar e na vida do aluno.

O objetivo do artigo é refletir sobre a motivação da evasão dos alunos da EJA. Partiu-se do pressuposto de que, além de questões econômicas e sociais, boa parte dos alunos interrompe seus estudos (novamente), porque não se sentem acolhidos na escola. Por isso a importância da valorização de seus conhecimentos, valorização que sempre foi ponto crucial no pensamento de Paulo Freire. Mas não apenas isso. Com a colaboração do pensamento psicanalítico de Erich Fromm objetiva-se compreender o lugar do sujeito na EJA, os desafios que se apresentam com relação ao “medo à liberdade”, e os possíveis caminhos para uma educação libertadora. Sendo assim, a intenção não é trabalhar com números e motivos para o abandono escolar, mas sim, buscar novas possibilidades para que os educadores estejam prontos para acolher esses alunos que já foram privados de seu direito de acesso à escola.

* Psicanalista e professor de Língua Portuguesa na Rede Estadual de Ensino de São Paulo. Graduado em Letras e Pedagogia, especialista em Literatura Contemporânea e mestrando em Educação pela Universidade Ibirapuera. Email: davifernandescosta@hotmail.com

Para essa reflexão, foram utilizadas leituras de duas importantes obras de Erich Fromm e algumas das principais obras de Paulo Freire, além de textos que contribuíram para a reflexão sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Por meio dessas leituras espera-se refletir sobre a realidade da EJA, com base na teoria que foi estudada.

Paulo Freire

Paulo Reglus Neves Freire nasceu no dia 19 de setembro de 1921, na cidade do Recife. Sua família fez parte da burguesia pernambucana, entretanto, após enfrentar crises financeiras, chegou a passar por grandes dificuldades, inclusive passando fome. Mesmo assim, Paulo foi criado em um ambiente muito amoroso, algo que influenciou sua obra.

Paulo Freire está entre os educadores brasileiros mais conceituados no Brasil e no mundo, tendo conquistado uma série de premiações importantes, sua principal obra *Pedagogia do Oprimido* foi traduzida para mais de 40 idiomas. Sua influência e prestígio vão muito além das fronteiras brasileiras. Em *A Pedagogia: Teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias* organizado por Clermont Gauthier e Maurice Tardif (2005), Freire é o único autor latino-americano com um capítulo dedicado ao seu pensamento, suas premiações e importância no cenário acadêmico mundial também são destacados:

Paulo Freire é um dos maiores educadores do Brasil e, sem dúvida alguma, o mais conhecido internacionalmente. Também é um dos pedagogos que mais marcou o pensamento educativo na segunda metade do século XX. Ao longo dos anos, elaborou uma teoria do conhecimento que propõe a ruptura com as concepções elitistas e fatalistas da prática educativa. Freire concebia a educação como um processo de conscientização e de liberação, e consagrou toda a vida a difundir essa ideia. Morto em maio de 1997, deixou uma herança viva para todos aqueles que se interessam pelo ensino e pela aprendizagem como duplo processo político de emancipação das pessoas e dos povos.

Através do mundo, os educadores reconhecem a importância das suas ideias, embora algumas delas possam divergir de suas próprias concepções políticas. Sua obra *Pedagogia do Oprimido*, traduzida e publicada em inglês em 1971 e vendida a mais de 300.000 exemplares, constitui uma obra crucial para as pessoas interessadas pelas questões relativas à alfabetização, à educação dos adultos e à análise política da educação. Hoje, o nome de Paulo Freire é um símbolo associado a muitos organismos que se identificam com a sua vontade de emancipação, tanto nos Estados Unidos, no Canadá, na Dinamarca e na Suécia quanto em vários países da África e da América Latina. Durante a vida, Freire recebeu, entre outros, o prêmio Rei Baudouin pelo desenvolvimento (Bélgica, 1980), o prêmio Unesco de educação pela paz (1986) e o prêmio Andrés Bello da Organização dos Estados Americanos como educador do continente (1992). (LOIOLA E BORGES, 2005, p. 306).

Mesmo com todas as premiações, com o reconhecimento internacional e com o título de patrono da educação brasileira recebido postumamente em 2012 por meio da lei 12.612, tem se observado no país um crescimento de oposição ao pensamento freiriano, inclusive com projetos de lei apresentados para a retirada do título concedido em 2012. Grupos ligados ao pensamento conservador como Escola sem Partido e MBL (Movimento Brasil Livre) buscam criminalizar o autor, desmerecendo seu legado e distorcendo conceitos de sua obra. Uma das acusações feitas por esses grupos é de que Freire seria “doutrinador”. Quando se observa a obra freiriana é possível perceber justamente o oposto à ideia de doutrinação. O destaque absoluto é dado a valorização do ser humano e à valorização do diálogo. O diálogo pressupõe conflito, logo, para que o diálogo aconteça é necessário que haja respeito ao outro. Paulo Freire sempre pregou esse respeito. Em *Pedagogia da Autonomia* deixa isso claro em várias passagens:

Posso não aceitar a concepção pedagógica deste ou daquela autora e devo inclusive expor aos alunos as razões por que me oponho a ela mas, o que não posso, na minha crítica, é mentir. É dizer inverdades em torno deles. O preparo científico do professor ou da professora deve coincidir com sua retidão ética. É uma lástima qualquer descompasso entre aquela e esta. Formação científica, correção ética, respeito aos outros, coerência, capacidade de viver e de aprender com o diferente, não permitir que o nosso mal-estar pessoal ou a nossa antipatia com relação ao outro nos façam acusá-lo do que não fez são obrigações a cujo cumprimento devemos humilde mas perseverantemente nos dedicar. (FREIRE, 1996, p.16-17).

Não aceitar a concepção pedagógica de algum autor é natural e válido. Para isso a escola é um campo riquíssimo para o debate. Os professores lidam com diferentes teorias, ouvem, leem, estudam e vão percebendo o que mais se relaciona com sua visão de mundo, com sua realidade, com seus alunos. Até mesmo por isso têm necessidade de pautar sua prática em concepções pedagógicas que sejam coerentes.

A perseguição e as notícias falsas relacionadas a Paulo Freire não são novidade. Desde o início de seu trabalho, Freire foi perseguido pelo pensamento conservador. Na época do golpe militar foi preso por 70 dias e posteriormente exilado. Seu compromisso com a classe trabalhadora, sua proposta de educação libertadora, nunca foram bem vistos pela classe dominante.

Paulo Freire tem uma obra bastante extensa e rica, mesmo assim é possível pontuar alguns conceitos que são fundamentais para a compreensão de seu pensamento. Um desses conceitos é o de Educação Bancária x Educação Dialógica. Dentro daquilo que estabeleceu

como concepção bancária de educação encontra-se um ensino pautado em um conhecimento que se “transfere” do professor para o aluno, sendo o professor o detentor do saber, dessa maneira os conhecimentos são tidos como algo que pode ser “depositado” na mente dos que aprendem. Ao contrário, a Educação Dialógica proposta por Freire faz com que professor e aluno aprendam um com o outro em uma perspectiva na qual o diálogo e o respeito ao conhecimento do sujeito estão em destaque.

Se a educação bancária é limitada quando se fala do ensino com as crianças, ela é ainda mais limitada quando falamos sobre os jovens e os adultos, tendo em vista que essa educação não leva em conta a experiência de vida, fazendo com que o ensino seja mecânico e sem profundidade.

Esse é um dos pontos centrais da pedagogia libertadora proposta por Freire, também chamada de Pedagogia Humanista, que tem na teoria da ação dialógica, um dos seus pontos centrais. A teoria da ação dialógica pode ser compreendida da seguinte maneira: O diálogo é ponto central para a libertação. A partir do diálogo, do encontro com o outro, é possível problematizar o mundo, compreender a realidade para modificá-la. O objetivo aqui é desenvolver esse ponto como fundamental para a Educação de Jovens e Adultos na sequência do texto.

Freire era um homem do diálogo não apenas em seus escritos, mas também em sua prática. Suas leituras provam isso. Não apenas lia um autor, buscava dialogar com ele e isso se refletiu em sua obra. No Instituto Paulo Freire em São Paulo é possível consultar o acervo deixado pelo educador. O acervo está dividido entre os livros que Freire leu antes e depois do exílio. Um dos autores com os quais Freire dialoga é o psicanalista Erich Fromm, citando o autor algumas vezes e discutindo várias de suas ideias:

Educação como prática de liberdade, e Pedagogia do Oprimido, contém várias alusões à obra de Erich Fromm, sobretudo no que tange à análise do problema da liberdade humana. As obras de Erich Fromm citadas diretamente por Freire são *El miedo a la libertad*, terceira edição argentina de 1957, publicada pela editora Paidós, e *El corazón del hombre: su potencia para el bien y para el mal*, uma edição de bolso publicada em 1967 pela editora mexicana Fondo de Cultura Económica.

Cabe ressaltar que, em visita ao seu acervo pessoal, além das obras citadas diretamente, encontramos outras obras de Erich Fromm, não citadas diretamente, mas, certamente, lidas por Paulo Freire, pois em todas, sem exceção, encontramos traços de leitura, grifos, marcações, bem como sínteses pessoais escritas nas margens ou nas páginas em branco no fim dos livros, deixando-nos bem claro seu interesse pela Psicanálise Humanista. (BORGHETTI, 2015, p. 153-154).

Ambos foram autores que colocavam o desenvolvimento do sujeito como prioridade e o diálogo como base de suas teorias. A seguir se buscará demonstrar isso em Erich Fromm.

Erich Fromm

Erich Fromm nasceu em Frankfurt na Alemanha, em 23 de março de 1900. Filho de judeus ortodoxos, desde sua infância esteve bastante envolvido com a cultura judaica. A família de Fromm considerava que a principal função de um judeu estava no estudo dos textos sagrados.

Após o encerramento da 1ª Guerra Mundial, Erich Fromm realizou estudos universitários em filosofia, psicologia e sociologia. Na década de 1920 teve o primeiro contato com a teoria psicanalítica frequentando o sanatório psicanalítico de Heildelberg.

Na década de 1930, Fromm já estava sendo associado aos chamados freudianos de esquerda. Psicanalistas que buscavam aproximar os descobrimentos de Sigmund Freud com a teoria de classes de Karl Marx. Nesse período começa a ganhar prestígio profissional e conhece Marx Horkeimer que tinha o objetivo de que a psicanálise fosse incorporada pela Escola de Frankfurt. Segundo Borghetti (2015), Fromm rompe com a escola de Frankfurt após um conflito com Adorno em torno da publicação do artigo *O condicionamento social da terapia psicanalítica*:

(...) Nesse artigo, Fromm censura Freud por dissimular a salvaguarda dos tabus sociais da burguesia que haviam provocado os recalques do paciente, por trás da tolerância do analista indiferente e frio que ele dava como modelo; para Fromm, não passava de camuflagem mais ou menos inconsciente de uma atitude autoritária e patriarcal. Para que a situação analítica atingisse seus fins, segundo Fromm, era necessário mais do que neutralidade, mas tato e bondade por parte do psicanalista, ou seja, uma aprovação incondicional das reivindicações de felicidade do paciente. Uma análise só poderia ser encerrada com êxito depois que o paciente tivesse perdido seu medo do analista e adquirido um sentimento de igualdade em relação a ele. (BORGHETTI, 2015, p.177)

Não cabe a esse artigo analisar a ruptura de Fromm com a Escola de Frankfurt. De toda forma essa passagem evidencia um ponto importante do pensamento fromminiano. Diferentemente de Freud (1996), que considerava que era necessário que se mantivesse um distanciamento entre analista e analisando, para Fromm é fundamental que essa relação seja mais próxima e que o analista se coloque no lugar do analisando, numa relação de iguais.

Aqui já temos uma aproximação clara com a obra de Paulo Freire que considera de fundamental importância que o professor se coloque em uma relação de igualdade com o aluno, aprendendo com ele enquanto ensina.

Outro ponto de contato importante é que assim como Freire considera que a educação não é neutra, tendo em vista que está baseada em uma base ideológica, para Fromm a análise também não é. O movimento dialético se mostra ainda mais, já que Freire considera que educador e educando se educam mutuamente, também Fromm considera que analista e analisando se curam mutuamente:

(...) Poderíamos até ir mais longe e dizer que o analista não apenas analisa seu paciente, mas é igualmente analisado por ele. Não falo em termos de técnica analítica, mas o analista vê em seu paciente experiências e possibilidades das quais poderia não estar consciente. Falo por experiência, como já lhe disse. Os dois analistas dos quais fui paciente não me ensinaram praticamente nada sobre mim durante anos. Quem me ensinou foram as pessoas que eu analisava, porque conforme seus problemas emergiam eu os via também em mim e podia tentar compreendê-los. É claro, isso exige que o analista renuncie à ilusão de que ele é são e outro doente, ilusão que na verdade só existe para racionalizar e justificar o fato de que é o paciente quem paga o analista, e não o contrário. (FROMM, 2013, p.165)

Da mesma forma que, seguindo o pensamento de Paulo Freire é necessário para o professor compreender que não sabe tudo, para o analista, segundo Erich Fromm, é necessário perceber que ele também não é totalmente são. Novamente vemos que o fundamental está na questão do encontro entre os sujeitos.

Em *O Medo à Liberdade*, Erich Fromm demonstra um pouco do seu pensamento a cerca da Educação, sua crítica se assemelha ao pensamento de Paulo Freire sobre a Educação Bancária:

(...) Quero mencionar resumidamente alguns dos métodos de educação hoje empregados que desestimulam ainda mais o pensamento original. Uma das maiores preocupações é o conhecimento de fatos ou, diria melhor, de informações. A superstição patética que predomina é que conhecendo um número cada vez maior de fatos chega-se a um conhecimento da realidade. Centenas de fatos esparsos e desconexos são despejados nas cabeças dos alunos; seu tempo e energia são tomados pela aprendizagem de cada vez mais fatos, de modo que pouco sobra pra pensarem. Sem dúvida, raciocinar sem conhecimento dos fatos seria fútil e ilusório; somente as “informações”, porém, podem ser um obstáculo tão grande ao raciocínio quanto sua ausência. (FROMM, 1986, p.197)

Outro conceito importante para compreendermos a obra de Fromm é o conceito de caráter social. Para o psicanalista a formação de caráter do sujeito está totalmente

relacionada com a sociedade na qual esse sujeito está inserido. Nesse sentido se acentua a sua crítica a sociedade capitalista que prega o individualismo e a competitividade.

EJA

A relação de Paulo Freire com a Educação de Jovens e Adultos é muito forte. Durante toda sua trajetória houve uma grande preocupação com os adultos excluídos do processo escolar, dos marginalizados, dos esquecidos, dos oprimidos, dedicando a eles sua obra prima *Pedagogia do Oprimido*. E quem seria mais excluído e oprimido do que aqueles que não tiveram a oportunidade (ou que precisaram parar) de ir às escolas? Como Belezia e Mathieu (2013) apontam, o Brasil possui uma dívida histórica com os milhões de adultos que não tiveram oportunidade de estudar. Freire tinha extrema preocupação com essas pessoas.

Um dos projetos com inspiração freiriana foi o MOVA (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos), que surgiu em 1989:

(...) Esse movimento foi criado por administrações municipais populares que se identificavam com o ideário da educação popular. A proposta educativa foi elaborada com base no contexto sociocultural dos educandos, representado um resgate do ideal de Paulo Freire. O MOVA acabou sendo vítima também das políticas esporádicas, uma vez que essa proposta dependia das decisões políticas dos novos governantes. (MATHIEU; BELEZIA, 2013, p. 45)

O pensamento freiriano, voltado para a realidade do país, da desigualdade, da fome, das péssimas condições de trabalho, foi muito pautado pensando na Educação Popular e na Educação de Jovens e Adultos. Já na experiência de Angicos – RN, nos anos 60, na qual alfabetizou, segundo Brandão (1982), 300 trabalhadores em 45 dias, Paulo Freire percebia que não era possível alfabetizar um adulto com um material infantilizado. Ora, se já considerava que a criança não era um ser vazio, um receptáculo no qual o professor deveria depositar o conhecimento, isso se ampliava com relação ao adulto. Percebeu que era necessário que o conhecimento daquele aluno fosse levado em conta, que o educando fosse levado ao centro do processo de ensino-aprendizagem por meio da realidade que vivia. Era necessário humanizar o processo. Por meio dos temas geradores, assuntos que os alunos traziam porque vivenciavam, era estabelecido um campo semântico no qual uma série de palavras eram divididas silabicamente para se iniciar a alfabetização. É necessário que se

considere que nesse momento ainda não tínhamos os estudos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky sobre a *Psicogênese da Língua Escrita*, a qual revolucionaria a forma de se alfabetizar.

Um dos grandes feitos de Paulo Freire na Educação de Jovens e Adultos foi a valorização do sujeito. Esse aluno que chega à escola com a autoestima destruída por anos de exploração, sem confiança em si mesmo era resgatado a partir do momento que percebia que o seu conhecimento era tão importante como o conhecimento do professor e, como dizia Freire, “Ninguém sabe tudo, ninguém ignora tudo”, os homens então estavam livres para aprender em comunhão.

Freire compreendia que não seria possível a construção de uma verdadeira democracia sem que erradicássemos o analfabetismo. Não apenas isso, dentro do processo de alfabetização era necessário a construção da visão crítica, da denúncia da exploração e das injustiças.

Já Erich Fromm, mesmo não tendo dedicado seus estudos especificamente à educação, contribui, justamente, para refletirmos como é possível a valorização do sujeito, dentro sociedade capitalista que explora o trabalhador e o coloca em condição de alienação.

É importante ressaltar que a EJA é composta, basicamente, de trabalhadores, ou filhos de trabalhadores. Até por isso a modalidade é, muitas vezes, oferecida no período noturno. Sendo assim, a questão de como a sociedade explora esses cidadãos é ainda mais importante para o debate.

Fromm valoriza o diálogo e o amor. Sem fazer com que o conceito de amor seja banalizado diz:

O amor é uma força ativa no homem; uma força que irrompe pelas paredes que separam o homem de seus semelhantes, que o une aos outros; o amor leva-o a superar o sentimento de isolamento e de separação, permitindo-lhe, porém, ser ele mesmo, reter sua integridade. No amor, ocorre o paradoxo de que dois seres sejam um e, contudo, permaneçam dois. (FROMM, 1988, p. 32)

Quando amamos reconhecemos o outro como ser humano, assim como no processo do diálogo. Nos tornamos um com o outro, mas permanecemos como dois. No diálogo também. Freire denomina como teoria da ação dialógica a valorização do diálogo, esse diálogo ocorre não para convencer o outro a todo custo daquilo que se pensa, mas para que se possa aprender em comunhão com o outro, e a partir desse encontro o indivíduo se modifica e modifica o outro, mesmo que a essência seja mantida. Podemos verificar isso

nessa passagem: “Não há, portanto, na teoria dialógica da ação, um sujeito que domina pela conquista e um objeto dominado. Em lugar disto, há sujeitos que se encontram para a pronúncia do mundo, para a sua transformação.” (FREIRE, 1987, p. 166).

Para que um aluno adulto permaneça na escola, espaço que foi por tantos anos negados a ele, é necessário que sua voz seja ouvida, novamente lembrando Paulo Freire, que possa aprender a dizer sua palavra, sem que seja negado esse direito tão fundamental.

Em Fromm também há grande valorização desses encontros, como podemos ver:

(...) Que dá uma pessoa a outra? Dá de si mesma, do que tem de mais precioso, dá de sua vida. Isto não quer necessariamente dizer que sacrifique sua vida por outrem, mas que lhe dê daquilo que em si tem de vivo; dê-lhe de sua alegria, de seu interesse, de sua compreensão, de seu conhecimento, de seu humor, de sua tristeza – de todas as expressões e manifestações daquilo que vive em si. Dando assim de sua vida, enriquece a outra pessoa, valoriza-lhe o sentimento de vitalidade ao valorizar o seu próprio sentimento de vitalidade. Não dá a fim de receber; dar é, em si mesmo, requintada alegria. Mas, ao dar, não pode deixar de levar alguma coisa à vida da outra pessoa, e isso é levado à vida reflete-se de volta no doador; ao dar verdadeiramente, não pode deixar de receber o que lhe é dado de retorno. Dar implica fazer da outra pessoa também um doador e ambos compartilham da alegria de haver trazido algo à vida (...) (FROMM, 1988, p.36)

De forma muito semelhante a Fromm nessa passagem, Paulo Freire reflete com relação à educação em sua famosa frase “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p.68). A comunhão entre os seres se faz necessária para a sobrevivência e para o aprendizado.

Considerações Finais

Considerando o que foi possível dialogar até esse ponto nesse breve texto, é possível concluir que é de fundamental importância que esses dois autores, Paulo Freire e Erich Fromm, sejam resgatados na vivência dos educadores de Jovens, Adultos e Idosos. Ambos propõem uma relação dialógica que busque compreender o outro dentro de suas especificidades e diversidade, ambos colocam o respeito como ponto fundamental tanto da relação educador-educando, como da relação analista-analisando.

Dentro do desafio de fazer com que o público da EJA se sinta motivado e encare a escola como um espaço de criação, diálogo e respeito, passa, sem dúvida, o papel dos educadores, de sua motivação e empenho. É evidente que a estrutura, na imensa maioria das vezes não favorece e tudo parece conspirar contra.

Entretanto, é necessário que se reafirme o compromisso do ato de estudar, de aprender, fazendo disso um ato político de libertação, de prazer. Ato valorizado por Freire:

Na constituição dessa necessária disciplina não há lugar para a identificação do ato de estudar, de aprender, de conhecer de ensinar, como um puro entretenimento, uma espécie de brinquedo com regras frouxas ou sem elas, nem tampouco com um quefazer insosso, desgostoso, enfadonho. O ato de estudar, de ensinar, de aprender, de conhecer, é difícil, sobretudo exigente, mas prazeroso, como sempre nos adverte Georges Snyders. É precioso, pois, que os educandos descubram e sintam a alegria nele embutida, que dele faz parte e que está sempre disposta a tomar todos quantos a ele se entreguem. (FREIRE, 2014, p. 115)

Conclui-se que é de extrema importância o respeito ao sujeito que se encontra nos bancos escolares não apenas para resgatar os anos de estudo que lhe foram retirados anteriormente, mas também para se formar enquanto sujeito autônomo. Nessa árdua tarefa os ensinamentos de Paulo Freire e Erich Fromm são de grande valia a quem ousa ensinar nesses tempos.

Referências

AÇÃO EDUCATIVA ASSESSORIA (Org.) *A ideologia do movimento Escola Sem Partido: 20 autores desmontam o discurso*. São Paulo: Ação Educativa, 2016.

BORGHETTI, R. *Paulo Freire e a Psicanálise Humanista*. Curitiba: Appris, 2015.

BRANDÃO, C. R. *O que é método Paulo Freire*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

FREIRE, A. M. A. *Paulo Freire: uma história de vida*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREUD, S. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. In: *Totem e tabu e outros trabalhos (1913-1914)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem à Psicanálise. In: *O caso Schreber, Artigos sobre técnica e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FROMM, E. *A arte de amar*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1988.

_____. *O medo à liberdade*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

_____. *Rever Freud: por uma outra abordagem em psicanálise*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

LOIOLA, F. A; BORGES, C. A pedagogia de Paulo Freire ou quando a educação se torna um ato político. In: GAUTHIER, C; TARDIF, M. (Org.) *A Pedagogia: Teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010. p. 305-326.

MATHIEU, E. R. O; BELEZIA, E. C. *Formação de jovens e adultos: (re)construindo a prática pedagógica*. São Paulo: Centro Paula Souza, 2013.